

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Jackdaws*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 2001 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *João Brito*

Revisão: *Isabel Nunes e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 416 292/16

12.ª edição, Lisboa, novembro, 2016

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Cinquenta mulheres foram enviadas para França como agentes secretas pelo Executivo de Operações Especiais durante a Segunda Guerra Mundial.

Trinta e seis sobreviveram à guerra. As outras catorze sacrificaram as suas vidas.

Este livro é dedicado a todas elas.

## CAPÍTULO 1

Um minuto antes da explosão, a praça em Sainte-Cécile encontrava-se tranquila. A tarde estava quente e uma camada de ar parado cobria a aldeia como um manto. O sino da igreja tocava preguiçosamente, chamando os fiéis para a missa com pouco entusiasmo. Felicity Clairret achou que o som parecia uma contagem decrescente. A praça era dominada por um castelo do século XVII. Uma pequena versão de Versalhes, tinha uma monumental entrada saliente e alas de ambos os lados que faziam ângulos retos e desapareciam para trás. Havia uma cave e dois andares cobertos por um telhado alto com águas-furtadas.

Felicity, a quem chamavam sempre Flick, amava a França. Gostava dos seus edifícios graciosos, do clima ameno, dos almoços demorados, do povo culto. Gostava de pintura francesa, de literatura francesa e de roupas francesas elegantes. Os visitantes consideravam frequentemente os franceses pouco amistosos, mas Flick falava a língua desde os seis anos e ninguém percebia que ela era estrangeira.

Irritava-a o facto de a França que ela amava já não existir. Não havia comida suficiente para almoços demorados, os quadros tinham sido todos roubados pelos nazis e só as prostitutas usavam roupas bonitas. Como a maior parte das mulheres, Flick envergava um vestido informe cujas cores há muito haviam desbotado. O seu maior desejo era que a verdadeira França regressasse. Isso poderia acontecer em breve se ela e pessoas como ela fizessem aquilo que tinham a fazer. Podia não viver para ver isso — aliás, podia não sobreviver aos minutos seguintes. Não era fatalista; desejava viver.

Planeava fazer uma centena de coisas depois de a guerra terminar: acabar o doutoramento, ter um filho, visitar Nova Iorque, comprar um carro desportivo, beber champanhe na praia de Cannes. Todavia, se estivesse prestes a morrer, agradava-lhe passar os últimos minutos numa praça soalheira, a olhar para um bonito edifício antigo, com os sons cadenciados da língua francesa nos ouvidos.

O castelo fora construído para alojar a aristocracia local, mas o último conde de Sainte-Cécile perdera a cabeça na guilhotina em 1793. Os jardins há muito que haviam sido transformados em vinhas, pois aquela era uma região vinícola, o coração do distrito de Champagne. O castelo albergava agora uma importante central telefónica, localizada ali porque o ministro responsável nascera em Sainte-Cécile. Quando os alemães chegaram, aumentaram a central para permitir a ligação entre o sistema francês e o novo cabo para a Alemanha. Também havia um quartel da Gestapo no castelo, com gabinetes nos andares de cima e nas celas da cave.

Quatro semanas antes o castelo fora bombardeado pelos Aliados. Aquela precisão nos bombardeamentos era recente. Os pesados *Lancasters* e os *Flying Fortresses* de quatro motores que rugiam nos céus da Europa todas as noites eram pouco precisos — às vezes falhavam por completo uma *cidade* —, mas a última geração de bombardeiros, os *Lightnings* e os *Thunderbolts*, apareciam sorratamente durante o dia e atingiam um alvo pequeno, uma ponte ou uma estação de caminho de ferro. A maior parte da ala oeste do castelo era agora uma pilha de tijolos irregulares do século XVII e blocos de pedra branca.

Contudo, o raide aéreo falhara. Decorriam as reparações e o serviço telefónico fora interrompido apenas enquanto os alemães instalavam novas centrais. Todo o equipamento telefónico automático e os amplificadores vitais para as linhas de longa distância encontravam-se na cave, que escapara aos danos.

Era por isso que Flick ali estava.

O castelo ficava situado no lado norte da praça, rodeado por um muro alto de pilares de pedra e grades de ferro, guardado por sentinelas. A leste existia uma pequena igreja medieval, as suas antigas portas de madeira escancaradas para o ar do verão

e para a congregação que chegava. Em frente à igreja, no lado oeste da praça, ficava a câmara, dirigida por um presidente ultra-conservador que tinha poucos desentendimentos com os ocupantes nazis. No lado sul havia diversas lojas e o Café des Sports. Flick encontrava-se sentada na esplanada do café, à espera que o sino acabasse de tocar. Na sua mesa estava um copo de vinho branco produzido na região, leve e claro. Ainda não lhe tocara.

Flick era uma oficial britânica com o posto de major. Oficialmente, pertencia à First Aid Nursing Yeomanry, o serviço feminino de enfermagem que era inevitavelmente conhecido por FANY. Todavia, isso era um disfarce. Na verdade, trabalhava para uma organização secreta, o Executivo de Operações Especiais, responsável pela sabotagem por trás das linhas inimigas. Aos vinte e oito anos, era uma das agentes mais velhas. Não era a primeira vez que estava perto da morte. Aprendera a viver com a ameaça e a controlar o medo, mas mesmo assim sentiu uma mão fria pousada no coração quando olhou para os capacetes de aço e para as potentes espingardas dos guardas do castelo. Três anos antes, a sua maior ambição fora ser professora de Literatura Francesa numa universidade britânica, ensinar aos alunos o vigor de Hugo, a perspicácia de Flaubert, a paixão de Zola. Trabalhava no Ministério da Guerra, a traduzir documentos franceses, quando fora convocada para uma reunião misteriosa num quarto de hotel e lhe havia sido perguntado se estava disposta a fazer uma coisa perigosa.

Aceitara sem pensar muito. Decorria uma guerra e todos os rapazes com quem estudara em Oxford arriscavam a vida diariamente; porque não poderia ela fazer o mesmo? Dois dias depois do Natal de 1941 começara o treino do EOE.

Seis meses mais tarde era mensageira especial, levando mensagens do quartel do EOE, no número 64 de Baker Street, em Londres, para os grupos da Resistência na França ocupada, nos tempos em que os aparelhos de telegrafia eram escassos e os seus operadores o eram ainda mais. Saltava de paraquedas, deslocava-se com a sua identidade falsa, contactava a Resistência, transmitia-lhes as ordens e tomava nota das suas respostas, das suas queixas e dos seus pedidos de armas e munições. Para a viagem de regresso apanhava

secretamente um avião, normalmente um *Westland Lysander* de três lugares, suficientemente pequeno para aterrar em seiscentos metros de erva.

Pouco depois passara de mensageira à organização de sabotagens. Quase todos os agentes do EOE eram oficiais e, em teoria, os seus «homens» eram a Resistência local. Na prática, a Resistência não obedecia à disciplina militar e um agente tinha de merecer a sua colaboração, mostrando-se duro, conhecedor e perentório.

O trabalho era perigoso. Seis homens e três mulheres tinham terminado o treino com Flick e ela era a única que continuava no ativo dois anos volvidos. Sabia-se que dois estavam mortos: um alvejado pela Milícia, a odiada polícia política francesa, e o outro devido à não abertura do paraquedas. Os outros seis tinham sido capturados, interrogados e torturados e depois haviam desaparecido em campos prisionais na Alemanha. Flick sobrevivera porque era implacável, tinha reações rápidas e era cuidadosa com a segurança quase ao ponto da paranoia.

Ao seu lado estava sentado o marido, Michel, líder do circuito da Resistência com o nome de código Bollinger, sedado na cidade de Reims, a dezasseis quilómetros dali. Embora prestes a arriscar a vida, Michel encontrava-se recostado na cadeira, o tornozelo direito pousado no joelho esquerdo, e tinha na mão um copo de cerveja pálida e aguada, a única disponível em tempo de guerra. O seu sorriso despreocupado arrebatara o coração de Flick quando ela era aluna na Sorbonne e preparava uma tese sobre a ética de Molière, que depois abandonara com o início da guerra. Na altura, ele era um jovem leitor de Filosofia de aspeto descontraído, com uma legião de alunas que o adoravam.

Continuava a ser o homem mais sensual que conhecera. Era alto e tinha uma elegância descuidada nos seus fatos amarrotados e camisas azuis desbotadas. Usava sempre o cabelo demasiado comprido. Tinha uma voz sedutora e um intenso olhar azul que fazia com que uma rapariga se sentisse a única mulher ao cimo da terra.

Aquela missão dera a Flick a agradável oportunidade de passar uns dias com o marido, mas não haviam sido uns dias felizes.

Não tinham propriamente discutido, mas a afeição de Michel parecera ter esmorecido, como se ele estivesse a fingir, e ela sentira-se magoada. O seu instinto disse-lhe que ele estava interessado noutra pessoa. Tinha apenas trinta e cinco anos, e o seu charme descuidado continuava a fascinar mulheres mais jovens. Também não ajudava o facto de, após o casamento, terem passado mais tempo afastados do que juntos, por causa da guerra. E havia muitas francesas recetivas, pensou ela com amargura, dentro da Resistência e fora dela.

Ainda o amava. Não da mesma forma: já não o idolatrava como na lua de mel, já não ansiava dedicar a vida a fazê-lo feliz. As névoas matinais do amor romântico haviam-se dissipado e, à luz clara da vida de casados, ela apercebia-se de que ele era fútil, egocêntrico e de pouca confiança. Porém, quando ele se dispunha a dedicar-se a ela, ainda conseguia fazê-la sentir-se única, bela e estimada.

O encanto de Michel também funcionava nos homens, e ele era um excelente líder, corajoso e carismático. Ele e Flick haviam delineado juntos o plano de batalha. Iriam atacar o castelo em duas frentes, dividindo os defensores, depois reagrupar-se-iam no interior para formar uma única força que penetraria na cave, descobriria a sala onde estava o equipamento principal e fá-lo-ia explodir.

Tinham uma planta do edifício fornecida por Antoinette Dupert, supervisora do grupo de mulheres locais que limpavam o castelo todas as noites. Antoinette era também tia de Michel. As mulheres da limpeza começavam a trabalhar às sete, à hora de vésperas, e Flick via naquele momento algumas delas a mostrarem os seus passes especiais ao guarda que se encontrava junto ao portão de ferro forjado. O esboço de Antoinette indicava a entrada para a cave, mas pouco mais, pois era uma zona de acesso restrito, acessível apenas aos alemães, e limpa por soldados.

O plano de ataque de Michel era baseado em relatórios do MI6, os serviços secretos britânicos, que diziam que o castelo era guardado por um destacamento das Waffen-SS com três turnos, cada um com doze homens. Os funcionários da Gestapo no castelo não eram tropas de combate e a maior parte nem sequer devia estar armada. O circuito Bollinger conseguira reunir quinze

combatentes para o ataque, que se encontravam naquele momento quer entre os fiéis na igreja, quer na praça a passear, com as armas escondidas na roupa ou em sacolas e sacos. Se o MI6 estivesse certo, as pessoas da Resistência seriam em maior número que os guardas.

Contudo, uma preocupação atormentava Flick e deixava-a apreensiva. Quando ela falara a Antoinette da previsão do MI6, esta franzira o sobrolho e dissera: «Acho que eles são mais.» Antoinette não era tola — fora secretária de Joseph Laperrière, dono de uma das produtoras de champanhe, até a ocupação reduzir os seus lucros e de a mulher dele ter passado a secretária — e podia estar certa.

Michel fora incapaz de resolver a contradição entre a estimativa do MI6 e o cálculo de Antoinette. Vivia em Reims, e nem ele nem os seus homens conheciam bem Sainte-Cécile. Não houvera tempo para maiores reconhecimentos. Se a Resistência estivesse em minoria, pensou Flick atemorizada, não iria conseguir dominar os disciplinados soldados alemães.

Olhou em volta da praça, reparando nas pessoas conhecidas, aparentemente transeuntes inocentes que, na realidade, estavam à espera de matar ou de serem mortos. À porta da loja de tecidos, a observar uma peça de tecido verde na montra, encontrava-se Geneviève, uma rapariga alta de vinte anos com uma *Sten* oculta sob o leve casaco de verão. A *Sten* era uma metralhadora portátil muito apreciada pela Resistência porque podia ser desmontada em três e transportada num saco pequeno. Geneviève podia perfeitamente ser a rapariga que Michel trazia debaixo de olho, mas mesmo assim Flick sentiu-se horrorizada ao pensar que ela poderia ser morta por tiros de metralhadora dali a poucos segundos. A atravessar a praça empedrada dirigindo-se à igreja ia Bertrand, ainda mais jovem, com dezassete anos, um rapaz louro de rosto ansioso e um *Colt* automático de calibre quarenta e cinco escondido num jornal dobrado debaixo do braço. Os Aliados tinham largado milhares de *Colts* de paraquedas. Inicialmente, Flick proibira Bertrand de fazer parte da equipa por causa da sua idade, mas ele implorara para ser incluído e, como ela precisava de todos os homens disponíveis, acabara por aceitar. Esperava que a sua bravata juvenil resistisse após o início

do tiroteio. Parado junto à porta da igreja, aparentemente a acabar de fumar o cigarro antes de entrar, estava Albert, cuja mulher dera à luz o primeiro filho, uma menina, naquela manhã. Albert tinha um motivo extra para sobreviver àquele dia. Transportava um saco de pano que parecia estar cheio de batatas, mas que, na realidade, continha granadas de mão *Mark I Mills n.º 36*.

A cena na praça parecia normal, à exceção de um elemento. Ao lado da igreja encontrava-se estacionado um carro desportivo enorme e potente. Era um *Hispano-Suiza Type 68 Bis* de fabrico francês, com um motor V12, um dos carros mais rápidos do mundo. Era azul-celeste e tinha um radiador prateado alto e de aspeto arrogante encimado pela mascote, uma cegonha em voo.

Chegara havia meia hora. O condutor, um homem atraente com cerca de quarenta anos, envergava um fato de bom corte, mas devia ser um oficial alemão — mais ninguém teria coragem de exibir um carro daqueles. A companheira dele, uma ruiva alta e vistosa com um vestido de seda verde e sapatos altos de camurça, era demasiado chique para não ser francesa. O homem instalara uma máquina fotográfica sobre um tripé e tirava fotografias ao castelo. A mulher tinha uma expressão de desafio, como se soubesse que os habitantes mal vestidos que os observavam enquanto iam a caminho da igreja a rotulavam mentalmente de *prostituta*.

Poucos minutos antes, o homem pregara um susto a Flick ao pedir-lhe que tirasse uma fotografia dele e da amiga com o castelo por trás. Falara com cortesia, com um sorriso cativante, e apenas com um ligeiro sotaque alemão. Aquela distração num momento crucial era absolutamente enlouquecedora, mas Flick achara que uma recusa levantaria problemas, especialmente se estava a fingir que era alguém da zona que nada melhor tinha para fazer do que estar sentada numa esplanada. Por isso reagira como a maioria dos franceses teria reagido nas mesmas circunstâncias: adotara uma expressão de indiferença e acedera ao pedido do alemão.

Fora um momento grotescamente assustador: a agente secreta britânica atrás da máquina fotográfica; o oficial alemão e a sua pega a sorrirem para ela e o sino da igreja a tocar os segundos que faltavam para a explosão. Depois o oficial agradecera e oferecera-se

para lhe pagar uma bebida. Ela recusara com firmeza: nenhuma francesa podia beber com um alemão a menos que estivesse preparada para ser rotulada de prostituta. Ele assentira com ar compreensivo e ela regressara para junto do marido.

O oficial devia estar de folga e aparentava não trazer armas, pelo que não oferecia perigo, mas mesmo assim incomodou Flick. Ela meditou sobre aquele sentimento durante os últimos segundos de calma e por fim chegou à conclusão de que não acreditava que ele fosse um turista. Havia uma certa vigilância nos seus modos pouco própria de quem aparentava admirar a beleza da arquitetura antiga. A mulher podia ser exatamente aquilo que aparentava, mas ele era outra coisa.

Antes de Flick conseguir perceber o quê, o sino calou-se. Michel despejou o copo e limpou a boca às costas da mão. Flick e Michel levantaram-se. Tentando aparentar um ar descontraído, dirigiram-se ao café e ficaram à porta, abrigando-se de forma discreta.

## CAPÍTULO 2

Dieter Franck reparara na rapariga sentada na esplanada assim que entrara na praça. Reparava sempre nas mulheres bonitas e aquela parecera-lhe bastante sensual. Era loura, de olhos verdes, e provavelmente tinha sangue alemão — não era invulgar ali no Nordeste de França, tão perto da fronteira. O seu corpo pequeno e elegante encontrava-se envolto num vestido semelhante a uma saca, mas ela acrescentara um lenço amarelo-vivo de algodão barato, com um toque de elegância que ele considerava tipicamente francês. Quando lhe dirigira a palavra, notara o medo habitual nos franceses sempre que eram abordados por um dos ocupantes alemães; mas logo a seguir vira no seu rosto bonito uma expressão de desafio mal dissimulada que lhe despertara o interesse.

Estava na companhia de um homem bem-parecido que não parecia muito interessado nela, provavelmente o marido. Dieter pedira-lhe que lhe tirasse a fotografia apenas porque quisera falar com ela. Tinha mulher e dois filhos bonitos em Colónia e partilhava o seu apartamento em Paris com Stéphanie, mas isso não o impedia de namoriscar outras mulheres. As mulheres bonitas eram como os quadros dos impressionistas franceses que ele colecionava: ter um não o impedia de desejar ter outros.

As mulheres francesas eram as mais bonitas do mundo, mas tudo o que era francês era belo: as pontes, as avenidas, os móveis, até as porcelanas. Dieter adorava clubes noturnos parisienses, *foie gras* e baguetes mornas. Gostava de comprar camisas e gravatas no Charvet, o lendário *chemisier* em frente ao Hotel Ritz. Não se importaria de viver para sempre em Paris.

Não sabia onde adquirira aquelas preferências. O pai era professor de Música — a única forma de arte em que os alemães e não os franceses eram os indisputados mestres. Contudo, a insípida vida acadêmica do pai parecera-lhe insuportavelmente monótona e ele chocara os pais ao tornar-se polícia, um dos primeiros homens formados na Alemanha a fazê-lo. Em 1939 era já diretor dos serviços secretos da polícia de Colónia. Em maio de 1940, quando os tanques do general Heinz Guderian transpuseram o rio Mosa, em Sedan, e atravessaram em triunfo a França até ao canal da Mancha numa semana, Dieter candidatou-se impulsivamente a uma comissão no exército. Devido à sua experiência na polícia, recebeu de imediato um lugar nos serviços secretos. Falava fluentemente francês e um pouco de inglês, por isso haviam-no colocado a interrogar prisioneiros. Tinha talento para o trabalho e dava-lhe especial prazer extrair informações que poderiam ajudar a sua façanha a vencer batalhas. No Norte de África, os seus feitos haviam sido elogiados pelo próprio Rommel.

Estava disposto a utilizar a tortura sempre que necessário, mas gostava de persuadir as pessoas através de meios mais subtis. Fora assim que conseguira Stéphanie. Calma, sensual e astuta, era dona de uma loja parisiense que vendia chapéus de senhora de uma elegância espantosa e obscenamente dispendiosos. Tinha, porém, uma avó judia. Ficara sem a loja, passara seis meses numa prisão francesa e estava prestes a ser enviada para um campo na Alemanha quando Dieter a salvara.

Podia tê-la violado, ela estaria à espera disso. Ninguém teria protestado e muito menos punido Dieter. Em vez disso, ele alimentara-a, dera-lhe roupas novas, instalara-a num quarto vago no seu apartamento e tratara-a com meiguice até que uma noite, depois de um jantar de *foie de veau* e uma garrafa de *La Tache*, a seduzira deliciosamente no sofá em frente à lareira.

Contudo, naquele dia ela fazia parte da sua camuflagem. Dieter estava de novo a trabalhar com Rommel. O marechal de campo Erwin Rommel, a *Raposa do Deserto*, era agora comandante do Grupo B do exército que defendia o Norte da França. Os serviços secretos alemães esperavam uma invasão dos Aliados naquele verão. Rommel não

possuía homens suficientes para vigiarem as centenas de quilómetros de costa vulnerável, por isso adotara uma estratégia ousada de resposta flexível: os seus batalhões encontravam-se a quilómetros do mar, prontos a entrar rapidamente em ação sempre que necessário.

Os britânicos sabiam isso — também tinham serviços secretos. O seu plano era retardar a reação de Rommel, destruindo as suas comunicações. Noite e dia, os bombardeiros britânicos e americanos destruíam estradas e caminhos de ferro, pontes e túneis, estações e pátios de manobras. E a Resistência fazia explodir centrais elétricas e fábricas, descarrilava comboios, cortava linhas telefónicas e mandava raparigas adolescentes deitarem areia nos depósitos de óleo de camiões e tanques.

A missão de Dieter era identificar os principais alvos das comunicações e avaliar a capacidade de ataque da Resistência. Nos últimos meses, a partir da sua base em Paris, patrulhara todo o Norte de França, gritando às sentinelas ensonadas e apavorando os capitães preguiçosos, aumentando a segurança nos semáforos das linhas férreas, nos abrigos ferroviários, nos parques de veículos militares e nas torres de controlo das pistas de aviação. Naquele dia ia fazer uma visita-surpresa a uma central telefónica de grande importância estratégica. Por aquele edifício passava todo o tráfego telefónico do Alto Comando em Berlim para as forças alemãs no Norte da França. Isso incluía as mensagens de telégrafo, o meio pelo qual, atualmente, a maior parte das ordens era enviada. Se a central fosse destruída, as comunicações alemãs seriam seriamente afetadas.

Claro que os Aliados sabiam isso e haviam tentado bombardear o local, com pouco êxito. A central era uma candidata perfeita a um ataque da Resistência. Contudo, a segurança era demasiado descuidada para os padrões de Dieter. Isso devia-se provavelmente à influência da Gestapo, que tinha um destacamento no mesmo edifício. A Geheime Staatspolizei era o serviço de segurança do Estado e os homens eram muitas vezes promovidos pela sua lealdade a Hitler e entusiasmo pelo fascismo e não pela sua inteligência e capacidades.

Dieter estava ali havia meia hora, a tirar fotografias ao local, e a sua ira aumentava devido ao facto de os responsáveis pela segurança continuarem a ignorá-lo.

No entanto, quando o sino parou de tocar, um oficial da Gestapo com uniforme de major saiu empertigado pelos portões de ferro do castelo e dirigiu-se a Dieter.

— Dê-me essa máquina! — gritou ele num francês mau.

Dieter virou-lhe costas, fingindo não ouvir.

— É proibido tirar fotografias ao castelo, imbecil! — gritou o homem. — Não vê que isto é um posto militar?

Dieter virou-se para ele e respondeu calmamente em alemão:

— Demorou bastante tempo a reparar em mim.

O homem ficou espantado. As pessoas com roupas civis tinham normalmente medo da Gestapo.

— O que está para aí a dizer? — perguntou ele com menos agressividade. Dieter olhou para o relógio.

— Estou aqui há trinta e dois minutos. Podia ter tirado uma dezena de fotografias e ter ido embora há muito tempo. Você é o responsável pela segurança?

— Quem é você?

— Major Dieter Franck, ao serviço do marechal de campo Rommel.

— Franck! — exclamou o homem. — Lembro-me de si.

Dieter observou-o com mais atenção.

— Meu Deus! — murmurou ao reconhecê-lo. — Willi Weber.

— *Sturmbannführer* Weber às suas ordens. — Tal como a maior parte dos oficiais da Gestapo, Weber tinha um posto de SS que considerava de maior prestígio do que o vulgar posto na polícia.

— Raios me partam! — exclamou Dieter. Não admirava que a segurança fosse desleixada.

Weber e Dieter tinham trabalhado juntos na polícia de Colónia durante os anos vinte. Dieter fora uma promessa, Weber uma desilusão. Weber tinha inveja do êxito de Dieter e atribuía-o ao seu passado privilegiado. (O passado de Dieter não havia sido extraordinariamente privilegiado, mas Weber, filho de um estivador, achava que sim.)

Weber acabara por ser despedido. Dieter começou a recordar-se dos pormenores: houvera um acidente de viação, juntara-se uma multidão, Weber entrara em pânico, disparara e um transeunte

morrera. Dieter não via aquele homem havia quinze anos, mas era capaz de adivinhar qual fora a carreira dele: filiara-se no Partido Nazi, tornara-se organizador voluntário, candidatara-se a um cargo na Gestapo citando o seu treino na polícia e ascendera rapidamente naquela comunidade de frustrados.

— O que está aqui a fazer? — perguntou Weber.

— A verificar a vossa segurança a pedido do marechal de campo.

— A nossa segurança é boa — retorquiu Weber indignado.

— Boa para uma fábrica de salsichas. Olhe em volta. — Dieter indicou a praça com a mão. — E se estas pessoas fizessem parte da Resistência? Podiam alvejar os seus guardas em poucos segundos. — Apontou para uma rapariga alta com um casaco leve sobre o vestido. — E se ela tivesse uma arma debaixo do casaco? E se...

Calou-se.

Aquilo não se tratava apenas de uma fantasia imaginada por ele para ilustrar a sua argumentação. O seu inconsciente vira as pessoas na praça disporem-se em formação militar. A lourinha e o marido tinham-se refugiado no café. Os dois homens à entrada da igreja haviam-se colocado atrás das colunas. A rapariga alta com o casaco leve, que até há pouco estivera a olhar para uma montra, encontrava-se à sombra do carro de Dieter. Enquanto Dieter a observava, o casaco dela abriu-se e, para seu espanto, viu que a sua imaginação havia sido profética: sob o casaco ela tinha uma pistola-metralhadora com uma coronha em forma de tubo, as preferidas da Resistência.

— Meu Deus! — exclamou.

Enfiou a mão sob o casaco e lembrou-se de que não vinha armado.

Onde estava Stéphanie? Olhou em volta, o choque transformando-se quase em pânico, mas ela encontrava-se atrás dele, esperando pacientemente que ele acabasse a conversa com Weber.

— Baixa-te! — gritou.

Depois ouviu-se uma explosão.